

**MARGARIDA CARDOSO,
“APESAR DOS TROPEÇÕES”**

Bárbara C. Branco*

Margarida Cardoso é uma documentarista portuguesa que tem abordado temas ligados às ex-colónias portuguesas. Viveu em Moçambique durante um período da Guerra Colonial (1964-1976). Iniciou a sua carreira como anotadora e assistente de realização em projetos nacionais e estrangeiros. Produziu vários filmes, curtas e longas-metragens, entre eles, o documentário *Natal 71* (1999) e *A costa dos murmúrios* (2004), uma adaptação para cinema da obra homónima de Lídia Jorge.

Entrevista concedida em janeiro de 2013, via Skype e realizada no âmbito da disciplina de *Cinema português* do Mestrado em Cinema da Universidade da Beira Interior.

Bárbara C. Branco - Quem a inspirou na sua trajetória cinematográfica?

Margarida Cardoso - Acho que... mais o meu percurso familiar, portanto neste aspeto mais a minha família... do que propriamente referências cinematográficas. [...] Mas em relação... eu acho que o que me influenciou mais em tudo, na vontade que tenho de fazer coisas, foi aquilo que eu vivi, e na forma também como na minha família as pessoas se relacionavam, com a questão das histórias, acho que há muita coisa à volta das histórias, contar histórias, adorar contar histórias, de ouvir e tudo isso...E eu acho que foi isso tudo que me influenciou mais no meu

* Universidade da Beira Interior, Faculdade de Artes e Letras, Mestrado em Cinema, 6200-001 Covilhã, Portugal. E-mail: barbarazevice@gmail.com

percurso, e também me influenciou uma coisa que também pode ter a ver com o cinema mas não tem, que é a questão que tu chegando a uma certa altura tens a noção de que... a tua vida tem de ser de uma certa maneira, que há determinadas coisas que tu gostas no mundo, ou determinadas coisas que não gostas, não é? e tu tens que no fundo... encaminhar a tua vida para uma vida que te permitisse, por exemplo, viajar, que era o que eu gostava, procurar coisas, investigar,... relacionar-me com as pessoas de uma forma profissional, quer dizer, ter relações com muitas pessoas de uma forma profissional, uma coisa que como eu sou muito tímida não sou muito disso,... das relações sociais, e tudo isso. E então foi também isso que me encaminhou muito para o cinema, juntando as histórias a essa vontade de ter uma vida mais livre, no fundo. Depois, eu acho que a nível cinematográfico, e a nível do percurso mais... depois quando eu comecei a ter a noção do que é que eu queria fazer... é muito difícil assim dizer algumas pessoas que me tenham influenciado, alguns cineastas... acho que sempre gostei muito de cineastas como... isto é assim um bocadinho comum porque eu acho que toda a gente dum certa idade gosta, de cineastas como o Tartovsky, desse género de cineastas, que eu gostei muito. E outro cineasta que até hoje considero o cineasta que mais me... que me... do qual eu sinto mais próxima em quase tudo, que é Antonioni, eu acho tudo maravilhoso.... Acho que o melhor cinema foi escrito por ele. *A aventura* é um dos mais conhecidos e *O eclipse*. É um cineasta incrível,... Mas acho que assim a nível de... se há um mais cineasta dos quais eu gosto de tudo, é o Antonioni. Não sei se era isso que estavas a perguntar, ou se era qualquer coisa mais relacionada com o mundo português...

BCB - Sim, mas também não se pode forçar o que não existe...

MC - Não, é que realmente, uma coisa é certa, eu não tenho muita... nunca tive assim uma ligação muito específica ao cinema português, porque nunca tive muitos... como não frequentei a escola de cinema, nunca tive assim parentesco, nunca tive assim uma família no cinema ... trabalhei muito em filmes estrangeiros e tudo isso, quando era técnica de cinema, e nunca estive muito relacionada com... nunca tive realmente uma família dentro do cinema, se bem que há cineastas de que eu gosto muito, como o Pedro Costa, gosto muito do que ele faz, não tenho assim grandes referências, gosto muito de alguns filmes do Paulo Rocha, gosto muito do *Mudar de vida*, gosto muito dos *Verdes anos*, mas não tenho assim, digamos, uma família.

BCB - Falou em ter começado a trabalhar num laboratório de fotografia, e depois, com 19 anos, ter-se candidatado e conseguido trabalhar como operadora/assistente de câmara. Como foi essa passagem entre operadora de câmara e realizadora?

MC – Aí entrei muito muito tempo. Primeiro, comecei como assistente de câmara do Manuel Costa e Silva [...] No cinema português ele era muito conhecido, morreu há uns anos, trabalhou com toda a gente [...] realizadores todos da *nouvelle vague* portuguesa, foi assim um homem que fez muitas coisas. Eu trabalhava num estúdio, e estava farta, e concorri a um anúncio a dizer que precisavam de assistentes de câmara, eu achava que as câmaras eram iguais... que na realidade não eram muito, mas não fez mal, aprendi logo. Passado um tempo, comecei a trabalhar como assistente de câmara do Manuel Costa e Silva, mas como havia aí um mercado assim muito pequeno, nessa altura faziam-se 3, 4 filmes por ano. Hoje critica-se muitas coisas, que se faz muito poucos filmes, é verdade, mas nos anos 80 era uma catástrofe absoluta, nós tínhamos 2, 3

filmes que se faziam num ano todo, e havia um mercado muito saturado, em relação a isso o Manuel Costa e Silva trabalhava sempre com o ... Espírito Santo, que era um clássico assistente de câmara, que agora, é director de fotografia em França, e depois para mim isso, no fundo, para eu continuar a trabalhar ... arranjam várias outras tarefas que eu fui fazendo, fiz praticamente tudo, fui anotadora, fui assistente de realização [...] fui assistente de produção nos filmes do João Botelho, fiz todo o tipo de cargos no cinema. E depois disso, passado um tempo, trabalhei muito muito, em muitos filmes, e depois eu própria rejeitei um pouco essa situação de trabalhar nos filmes dos outros, acho que foi porque fiquei mais velha, comecei a cansar-me um bocado [...] Por acaso vi um documentário há uns dias sobre aquela senhora que é directora da Vogue, que é assim uma personagem incrível...americana, uma senhora que até foi agora convidada para embaixadora em Paris, e ela é que estava a dizer, “Bem, eu só saio da Vogue [ela é diretora da Vogue há 25 anos] quando estiver muito cansada, quando, como o meu pai me disse, que quando se começou a zangar com toda a gente”... e para mim o que me aconteceu foi que comecei a incompatibilizar muito, comecei a ficar muito cansada de trabalhar para os outros [...] Com aquela situação era mesmo uma questão de rejeição e começar a uma nova vida, e comecei a fazer as coisas por mim, não é fácil, visto que tu tens realmente uma mudança no teu estilo de vida, e no fundo, como tu acabas por ter de organizar a tua vida, é muito diferente, passas a ter de trabalhar sempre dependendo exclusivamente das tuas propostas. E depois foi o primeiro filme que eu fiz, e que eu propus mesmo, primeiro fiz uma curta-metragem, que foi assim meio cómico, que era o *Dois dragões*...e fiz um outro filme de ficção, que ganhou bastante prémios, e correu bastante bem, mas a coisa que fiz assim mais... foi *Natal 71*, foi a minha primeira proposta mais pessoal, uma coisa que tinha mais a ver comigo, que tinha mais a ver

com isso que eu gostava de fazer, investigação do passado, a junção da história e da memória, da memória mais colectiva com a memória mais individual, e experiências emocionais relacionadas com a história, e isso foi a primeira coisa que eu fiz. E a partir daí, pronto, acabei sempre por conseguir financiar os filmes, e fazer sempre este tipo de trabalho.

BCB - Como conciliava na sua fase de criação do filme, criatividade e possibilidades de execução?

MC - Também acho que, como tudo na vida, é preciso um bocadinho de sorte, pelo menos para o princípio, pode não ter-se sorte depois para o resto [...] mas como estás a sugerir, há um equilíbrio entre o que, no fundo, aquilo que é pedido, o que o mercado pede, e aquilo que tu tens para oferecer, a questão é: onde é que tu te colocas? Se tu estás mais virada para uma coisa mais de vídeo arte, se fores uma artista que funciona mais como a Salomé Lamas... uma artista desta nova vaga de artistas, que se situam entre videoarte e o documentário. E nesse aspeto normalmente consegues trabalhar com menos dinheiro, é completamente diferente de quando comecei a trabalhar até agora, esse paradigma só está agora a mudar nestes últimos anos, em que tu tinhas sempre de arranjar ideias que tu achasses que pudessem ser financiadas, tinhas de conjugar essa questão da criação de ideias e daquilo que eram os teus interesses com a possibilidade desse financiamento, mesmo que as minhas ideias fossem muito esotéricas ou muito mais viradas para uma coisa muito mais difícil de financiar...eu sabia que não ia conseguir nesse aspeto, e os filmes que eu acabei por financiar melhor foram, portanto, o *Natal 71*, que se pode dizer que é assim um tema mais histórico, como o *Kuxa Kanema*, pode ser que não sejam na sua forma os filmes que mais me agradam, mas não estão muito longe daquilo que eu gosto de fazer, há aí uma conjugação entre aquilo que

eu gosto, também gosto de pôr as pessoas a falar, a questão das entrevistas, mas eu acho que esses dois filmes sempre conjugaram bem a ideia do que era vendável com uma questão que me tocava bastante que era investigar esse passado e tudo isso. Esses dois temas... o *Kuxa Kanema* então, em Moçambique correu muito bem, houve um financiamento extraordinário, são para aí umas seis ou sete televisões que apoiam, mais uns programas media, e aí conjugaram-se muito bem. Houve outras coisas que foram propostas pela Gulbenkian e que depois tu tentas fazer uma coisa que te agrade, e tens toda a liberdade, também é uma maneira de trabalhar. Para as ficções é super difícil, e eu nunca quis fazer telefilmes, nem nada que me propuseram, porque sempre achei que ia ficar enjoada, prefiro fazer coisas mais pequenas, e que não me enjoem tanto, a nível narrativo, mas os filmes de ficção são muito mais caros do que os documentários, e tu aí para fazeres o que tu gostas, aí estás mesmo a lutar entre o que são os teus gostos e a possibilidade de fazer, é muito difícil, hoje em dia.

BCB - Quando foi convidada pela minha professora de *História e teoria do cinema*, sobre feminismo no cinema conversaram sobre ser uma mulher no cinema e que quando a Margarida começou, ser uma questão que fazia diferença. Poderia aprofundar que tipo de diferenças havia?

MC - Acho que percebeste um bocadinho ao contrário, eu acho que no início, nos primeiros anos do meu trabalho, nunca foi tão claro, talvez porque tivesse passado menos anos a trabalhar, ou então por ter menos noção das relações de poder do que tenho hoje. No início, com a tua idade, achava que tínhamos todos as mesmas hipóteses, nunca se punha nenhuma questão de género, andávamos todos na mesma, tudo muito bem. Depois ao longo do teu percurso, e sobretudo quando tens de te relacionar com questões que estão mais ligadas com o poder em todos os sentidos,

mesmo que tu não tenhas essas ambições, mas basta tu teres alguma coisa que tu possas decidir nas tuas mãos, a partir daí tu acabas por começar a perceber que o mundo não é assim tão simples como eu imaginava. E aí as relações de poder estão todas deslocadas para o lado masculino, e tu notas um estigma terrível que começa a aparecer muito claramente nas tuas coordenadas, já não é só sorte, azar, talento, há outra coisa que está implícita nisso, que é teres de lidar com estas relações de género. Eu não sei se sou muito a favor das cotas, durante um tempo, era uma questão que se punha se havíamos de criar cotas de género como se faz na Suécia, e também durante muito tempo eu achei essa questão híper ridícula, achei então, porque é que hão-de pôr mulheres à força, só porque são mulheres, e isso só vai estragar no fundo também a ideia de que as mulheres têm algum valor intrínseco, que não seja imposto dentro desta base das cotas, mas na realidade eu vejo países como a Suécia, como a Dinamarca, que têm cotas, e que agora vão abandoná-las, porque agora já não precisam, passado uma geração, bastou uma geração, para não ser mais preciso impor cotas de género no mercado, tu vês que as coisas acabam por funcionar bem, eu às vezes tenho uma certa tentação, ao fim destes anos todos, de que esse tipo de situação pode vir a acontecer. E tu na realidade... não te sei explicar bem, onde é que estão as coisas, se eu te dissesse na verdade vais ficar admirada porque na realidade são coisas muito pequenas. Tenho 2 ou 3 situações. São coisas que estão sempre um pouco subterrâneas, nas relações. Eu até noto que sou convidada para fazer coisas só porque alguém se deve ter lembrado “temos de convidar uma mulher para fazer um filme, porque agora convidamos 7 homens, e falta uma mulher”, e às vezes eu penso que só se lembram de mim só nesse sentido, às vezes é tão ridículo quanto isso. Às vezes estou a representar um determinado tipo e...

BCB - É como ser duma minoria étnica, não é?

MC - Exactamente, e tu vês por exemplo como é chocante ver que tu não tens uma única crítica de cinema em Portugal, uma mulher crítica de cinema em Portugal. A crítica é dedicada aos homens há anos, havia a Catheline, que agora não faz crítica de cinema, foi para Washington há anos, não há crítica em Portugal feminina, havia no teatro umas senhoras... Mas crítica com força e poder... tu não tens nenhuma mulher. Nunca tiveste. E tu estás aí num mundo completamente... e quando tu vês realmente, vais a questões de gosto, se analisas bem as críticas de cinema percebes que a questão de género está assim escarrapachada em tudo que é escrito, tudo, é impressionante. Se tu vais pôr um filme que tenha assim um toque mais... um lado mais que a gente diga que aí as mulheres percebem isto melhor, tu tens logo toda a crítica, ou pelo menos 99% da crítica a dizer que não gostou nada dessa parte. E isso é uma questão incrível, de não haver crítica, de não haver estudos... estou a falar da crítica, porque a crítica não é só fazeres uma tese e perceberes as coisas, ou fazer uma coisa muito assente, muito importante, como objeto de estudo. Estou a falar da crítica por ela também aplicar aí um bocadinho o poder, e poder relativo mais às questões de financiamento. Estamos a falar mais do mundo mais social. E é aí depois que tu encontras os... os tropeços. Quando vais a ver a nível de estudos e teses, aí claro que as mulheres se impõem tanto como os homens. Mas depois disso reflete-se, pois na quantidade de filmes que são feitos por mulheres em Portugal, e se tu vires aquela lista do ICA, no *box office*, se fores ver o que é que está lá de mulheres... Eu antes estava como única mulher nos primeiros vinte, mas agora já descí muito porque agora há muitos mais filmes que fizeram mais do que *A costa dos murmúrios*, mas provavelmente eu serei a única que estou lá. Nos primeiros 100 digamos, mas é assustador, estamos a falar de 100 filmes!

E nesse aspecto acho que depois tudo isso, e se tiveres uma perspectiva sobre isso em relação ao cinema, acho que deves ver como uma coisa de poder, e como uma questão muito antiga, não é por as mulheres terem muitas capacidades... por exemplo, as mulheres, são muitas as diretoras de produção, mas não são produtoras, é exactamente o típico caso do que se passa em todo o mundo em relação às relações de poder que é: elas têm todas o poder, e gerem todo o dinheiro, mas o dinheiro não é delas, de alguma forma...

BCB - Ou então não lhes é dada a fama, a reputação...

MC - É uma escala de mãe, muito eficaz, que lhes faz tudo, depois isso também se reflecte na representação, da representação das mulheres no geral, na literatura, em tudo, não é? Tens autores como o Lobo Antunes a dizer ... que uma pessoa até se atira para o chão a vomitar, mas no entanto o senhor, pronto tem toda a... , é uma pessoa completamente válida, e que eu gosto imenso, intelectual, agora quem diga que é preciso 10 mulheres muito bonitas para fazer esquecer uma mulher inteligente, uma coisa deste género, é assim uma coisa nojenta, quando na realidade tanto em quantidade, toda a representação pelos homens, claro que naturalmente aparecem representadas, como eu costumo dizer, como umas p*** santas. As mulheres para os portugueses são umas p*** santas, são assim umas mãezinhas escondidas quando na realidade são todas umas malandras. E é esta representação que eu já não posso.

BCB - Eu cheguei-lhe a dizer que não sou bem da área do cinema, e é um pouco um mundo novo, que eu sempre vi de fora, mas que agora estou a ver mais por dentro. A tomar consciência do que é que se passa. E a ver curtas dos meus colegas do ano passado, primeiro, todas eram realizadas

por homens, (o argumento??), os personagens principais eram todos rapazes, e quando havia uma personagem mulher, ou era a mãe que lhe tinha sido despedaçado o coração porque o filho lhe tinha sido arrancado (morreu), o pai ultrapassou, mas ela não. Ou então é aquela mulher que está ali, de mini saia, pronto, um vaso para olhar.

MC - Às vezes são as duas juntas. Às vezes estão ali em casa a chorar a morte do filho, mas depois saem à rua e são umas grandes p***. Às vezes está tudo ali intrinsecamente, está ligado. É curioso, se passares assim pelos mais clássicos, há poucos realizadores que escapam a isso. Talvez curiosamente o João Botelho seja um dos poucos que escapa a isso. Porque ele até é assim bem machão. Tem uma forma engraçada de ver as mulheres. Por acaso nunca tinha pensado muito nisso, quando estive lá no Norte... Mas em geral a representação é assim. E também não tenho a certeza que as representações feitas por mulheres, até agora, estejam muito longe disso. Às vezes também são um pouco suspeitas. Mas tens pessoas a fazer coisas. Acho que a Teresa Villa Verde e a Catarina Ruivo são... quando vamos para questões de género, é interessante pensar nisso, são duas gerações diferentes, mas fazem coisas interessantes. Mas também há muitas mulheres a fazer filmes, não de ficção, pelo menos.

BCB - Qual é a sua opinião acerca da crítica de cinema em Portugal?

MC - Não tenho assim mais nenhuma opinião formada senão essa ideia mais que evidente. A questão da não-representação das mulheres, isso aí é o que mais me choca completamente, não vou dizer se as pessoas são válidas se considero válidas ou não, em geral considero que a crítica em Portugal, que todos os realizadores ou todas as pessoas que fazem o que quer que seja que consideram que é crítica, é sempre difícil tu achares

alguma graça ao que te estão a dizer, porque para mim, não sei eu acho o exercício interessante, a crítica, mas acho sempre que as pessoas que te estão a criticar são aquelas pessoas que, tu sabes, aqueles colegas de escola que tu tinhas, assim meios *nerds*, que não eram bem aceites pelos outros, e que depois, em vez de fazerem filmes, começaram a criticar os filmes. Há sempre uma coisa um bocadinho estranho, naquele tipo de exercício em relação ao cinema, eu como te digo, acho super válido tu fazeres uma tese, um estudo, um doutoramento, sei lá, nem que seja uma estatística que te permita analisar as coisas, mas a crítica é uma coisa completamente diferente e parte do pressuposto que a pessoa... é da mais-valia daquela pessoa, tal e qual como qualquer artista, e nesse aspeto eu acho que é um mundo super fechado, e que depois com umas ideias completamente que acho que acabam por ser muito contraproducentes até para algumas pessoas que começam a trabalhar e que são, de alguma forma demasiado elogiadas, e que depois nada disso está... e que não é culpa das pessoas que fazem, mas às vezes acho tudo um exagero, duma discrepância enorme entre critérios, e isso faz-me impressão. Mas acho que a questão base é esse de não haver mulheres em Portugal, e isso em críticas influencia muito o ponto de vista.

BCB - Acha que há um certo favoritismo?

MC – Não, não acho, porque é a mesma coisa que tu dizeres, aí há mais cinema de autor em Portugal e menos comercial, ou vice-versa, porque a crítica em si não são os profissionais, são eles próprios os *opinion makers*, são... eles só jogam com aquilo que, tal e qual os artistas, com aquilo que eles são, aquilo não é uma ciência exacta, não social, nada, é um exercício pessoal, e nesse aspecto, não te digo que há favoritismo ou não, acho que

há um número muito fechado, muito pequeno, e cheio de homens. Faz com que as coisas sejam bastante difíceis nesse aspecto.

BCB - Qual a importância que o público tem tido para a sua atividade de realizadora?

MC - Eu acho que há uma coisa que é importante que é não falar de público em quantidade, mas de público em qualidade, digamos. Também gostaria muito de ter muito público em quantidade e qualidade, isso assim tudo junto, isso também é muito bom, e não excludo isso, mas claro que público a nível de números não me diz absolutamente nada. Isso de fazer um telefilme que é visto por 50000 pessoas para mim não me diz nada. Mas uma coisa que seja ignorada, ou que não seja falada, que as pessoas não reajam, tudo isso, é terrível, às vezes acontece que as pessoas reajam menos ao que eu faço, ou que nem sabem que eu faço, e há outras às quais reagem bem, e eu acho que para mim é muito importante é ter esse *feed back*, isso é muito importante, não a nível da quantidade, mas da qualidade, isso eu acho que sempre me ajudou muito, tanto que os filmes que eu tenho vindo a fazer ao longo destes tempos sejam filmes que funcionam num espaço de tempo muito longo, quer dizer, eles são vistos por ti, mas que podem ser vistos por umas senhoras de 80 anos, que acham o máximo, gostam também, e o filme também se estende no tempo em si de apresentação. O filme sai..., por exemplo, *A costa dos murmúrios*, em 2004, 2005, mas continua a ser mostrado e continuam a viajar com ele, 6 ou 7 anos depois, e isso agrada-me muito.

BCB - Qual a importância que a distribuição e a exibição têm tido para a sua atividade de realizadora? Como pensa que estes setores deveriam funcionar idealmente em Portugal?

MC - E acho que aí tu podes ter a opinião de outras pessoas mais atentas, mas eu tenho a certeza que há uma coisa que é: claro que aí tu vais cair sempre num ponto muito chato que é aí tu não controlas absolutamente nada, esses dois setores estão completamente separados da produção. Para isso tu tens de entrar num mercado que te permita concorrer com todos os filmes que aparecem, e daí, se tu, claro que há sempre leis de protecção, e sempre houve, e os filmes vão saindo em Portugal, mas eu os últimos filmes portugueses que tenho ido ver, com a excessão do *Tabu*, que estava muita gente, e ainda bem, de resto, eu tenho ido ver filmes que estrearam nesse fim-de-semana, que têm duas ou três pessoas na sala. Não estou a dizer que os filmes são maus, o meu, também já estive em salas que tinha duas ou três pessoas, como por exemplo *A costa dos murmúrios*, que se viu no Alvaláxia, imagina no Alvaláxia. Imagina, todos aqueles adeptos do sporting a quererem ir ver o filme, com pipocas, isso não, não se adequa. E acho que a importância da distribuição e da exibição também tem aqui outra coisa que também é muito importante que é ... nesta altura encontramos-nos numa espécie de limbo, ninguém sabe como é que vai ser, não como funcionam os sistemas, pronto, o que é mais claro é que tudo virá digitalmente, pronto já hoje as cópias são digitais, tudo na distribuição será digital, através da Internet e tal, para as grandes *majors* americanas, e as salas continuarão a funcionar com essas grandes *majors* americanas, como agora em 3D ou sei lá o quê, mas em relação à distribuição em relação a outros setores, tu já não consegues fazer, por exemplo em Portugal, não faz sentido eu pôr um filme numa sala, ou duas ou três, e tu teres dois três espectadores, no entanto se o filme fizer, como por exemplo fez o do João Botelho [*Filme do desassossego* (2010)], com o filme dele, uma *tournee*, se o filme for apresentado como um evento, digamos em cada cidade, e onde tu própria podes falar sobre o filme, o que se relaciona um bocadinho com o que se está a passar com a música, já

não se vendem discos, nem ninguém vende discos de música, no entanto, tu tens essa questão de que o que esta a dar é humanizar, é os concertos que dá, é a tua presença, e é uma questão de haver uma certa ligação directa entre a pessoa e o próprio objeto digital, já não se diz objeto mas pronto. E nesse aspecto, eu acho que agora a nova lei do cinema obriga já a uma *tournee*, em vez de uma exibição comercial, isso é diferente, não é, antes tu eras obrigado a sair em sala para que o filme fosse considerado exibido em sala, de que de certa forma cumprisse todas as regras... e acho que essa ideia da *tournee*, que é um pouco circense, funciona bem no sentido de... eu não estou a ver por enquanto, enquanto não houver outra, enquanto não ficarmos mais esclarecidos sobre o que é a plataforma digital, e a distribuição *online*, porque eu também acho que está a mudar, eu praticamente não vejo televisão, vejo no computador o que eu quero, nem ia ver televisão à espera que apareça, uma coisa.

BCB - Pois claro, já não há tempo para isso.

MC - E tu não estás à espera que apareça uma coisa que tu gostes, e portanto tudo isso está a mudar, tentar esclarecer-se, mas nesta altura está tudo ainda num limbo muito grande, e eu tenho ainda agora dois filmes que fiz, que bastou tê-los começado há dois anos que já no terceiro ano, eles se encontram numa situação de desatualização total em relação às plataformas, não é? Não no sentido do seu suporte original, mas claro que a estratégia que havia há dois anos não é de todo a que é adequada para hoje, e então, vamos ver o que é que se vai fazer, as coisas vão mudando dia a dia, com estes setores, dia a dia a ver o que é que se passa.

BCB - Qual a importância do Estado para a sua atividade? Como deveria este intervir, na sua opinião, na atividade cinematográfica em Portugal?

MC - Eu acho que esta nova lei do cinema é interessante, e eu estou de acordo que o estado intervenha, não estou a ver outra maneira de se fazer o que quer que seja, outros números que tenham a ver com... o estado não dá nada, não, o estado dá uma parte, este meu último filme de ficção, já é com a produção dos países que tem, com o Brasil, mas se o estado português não puser uma parte, tu nunca consegues começar a financiar um filme se não tiveres um tostão, tu basta teres 5000 euros, ou 10000 para arranjares mais 10000, ou basta teres 100000 para teres mais 100000, mas se não tens nada, não saís do mesmo sítio, não vais pedir ao Brasil, se Portugal não der nada. Então mesmo que esse apoio não seja um apoio estrondoso, porque, na realidade a nova lei do cinema e o orçamento que está previsto para este ano de 2013 até penso eu é superior ao dos anos anteriores, e se tudo correr bem, que não correr... porque ninguém vai querer pagar, mas imaginemos que não... desobediência civil, e que a Zon e que a PT [Portugal Telecom] pagam aquilo que seria suposto pagar da cota do cinema português, se assim for eu acho muito bem, porque eu acho que são coisas que... as pessoas não se dão conta muito da questão... cinema ainda mais, por exemplo quando vês alguma coisa escrito nos jornais, no *Público*, basta dizeres que gastamos dinheiro a fazer cinema, que há logo 50 comentários a insultar, "ai acabem com isto, são todos uns não sei quê, os filmes portugueses fazem adormecer as pessoas", e depois não se dão conta de que fora os filmes portugueses, e sermos emigrantes de pobres, não há mais nada que as pessoas se lembrem dos portugueses, quer dizer, não estou bem a ver o quê, o que mais. No entanto os cineastas portugueses são muitas vezes falados, e existem os filmes, e as pessoas vêm, e vêm em quantidades razoáveis, e tudo isso. Mas ninguém dá importância a isso, o que eu acho terrível, e acho que sim, que deve continuar a intervir dessa forma, e na forma que a lei está

feita acho... vamos ver se ela existe... ela existe, está aprovada, agora...se as outras pessoas, os capitalistas, vão dar o dinheiro, não sei.

BCB - Qual a sua opinião sobre o plano nacional de cinema?

MC - Eu acho muito interessante, há muito tempo que venho a seguir o esforço destas pessoas que estavam a tentar pôr em prática este plano, e como são pessoas muito válidas, muito interessadas e com muita experiência a nível da reação e da interação dos jovens em todas as escalas com o cinema, acho que é uma coisa muito interessante, claro que as pessoas começaram a discutir cada filme, aí porque o Tim Burton aparece três vezes, e o Antonioni não aparece nenhuma, essas coisas, e eu acho isso tudo um bocadinho no sentido de embirrar no sentido de: deixem as pessoas fazerem as coisas, há sempre coisas que as pessoas acham bem, ou não acham bem, tudo isso... agora, pôr em causa determinadas coisas... O que eu acho importante é que a maior parte dos miúdos e os jovens, duma certa idade, sobretudo os mais jovens nunca vêm, não vêm com sentido nenhum, nem crítico, mesmo que os filmes sejam desses de *entertainment*, que passam às vezes na televisão, só o facto de estarem a ver em conjunto com outros, o facto de estar num momento especial, isso já vai criar uma dinâmica diferente em relação ao cinema, é isso que é interessante, não é obrigá-los a ver os filmes, e que eles façam uma análise, e que percebam o que é o cinema, e o cinema, e o cinema. Não, o cinema como experiência, como acordar para determinadas coisas, eu acho que o plano é muito interessante, e ainda bem que conseguiram pôr em prática.

BCB - Um dos seus filmes está presente neste plano [*Com quase nada* (2001)]. O que pensa sobre essa escolha?

MC - Nunca soube nada disso, que ia ter lá um filme, só soube quando foi apresentado, e esse filme que eu fiz com o Carlos Barroso, há alguns anos, em Cabo Verde, acho que é um filme giríssimo para qualquer idade, eu realmente sempre achei que o filme devia ser obrigatório para os miúdos verem, sobretudo numa idade entre os dez e os 15 anos de idade, porque aquilo que é ali mostrado, a força daqueles miúdos que estão ali, em Cabo Verde, a alegria deles, a imaginação, é uma cena. Pronto, são pobres, ok mas no filme isso não é explorado, e também se pode se dizer "ai que engraçadinhos, são pobres, por isso têm tanta imaginação", mas não, é uma dignidade longuíssima, tudo uma invenção absoluta, os jogos de futebol, até têm câmeras de filmar feitas com rolos e a pintar, pronto, é tudo um mundo que para as crianças que vão ver, espero que aprendam muito com aquilo, e também estou contente porque também é um filme muito intemporal, aguentou muito tempo.

BCB - Também é assim uma chapada de realidade, de outras realidades...

MC - É uma chapada de outras realidades, mas o filme é completamente onírico, tem brinquedos que se mexem sozinhos e tal, têm adultos também, fazem rodas e contam histórias muito imaginativas, sobre tirar a carta de condução, depois tu descobres que é a carta de condução para brinquedos... a chapada é mais: de que é que nos queixamos...se temos a nossa cabeça, percebes, e isso é... espero que os miúdos gostem, e que funcione bem, nesse aspeto.

BCB - Conhece a nova lei do cinema português?

MC - Não sei completamente a fundo, mas sei assim no geral... Ainda não li os artigos todos, mas li sim.

BCB - Qual é a sua opinião? E que influências isso trará à sua atividade?

MC - A nível de coisas mais específicas ainda não tenho bem noção de como pode influenciar. Do que li ainda não tenho nenhuma noção de como.... A única coisa que sei que influenciará a minha atividade é na realidade se a lei, apesar de existir, não for cumprida, e nesse aspeto estamos a falar... a lei é financiada pela Meo da Zon da PT, pela Sic, por todos os canais de cabo, e todos eles se recusaram a pagar, se não existir esse dinheiro, também não vai haver dinheiro. E isso influenciará diretamente. O que não me influencia diretamente, numa linha absolutamente direta, há muitas coisas que não influenciam, eu li sobre a distribuição porque me interessa, e depois há uma série de outras leis que têm a ver com os produtores e com questões de financiamento, e que me vão influenciar, mas que dentro da situação em que se encontra a produção em Portugal, não me diz nada agora no momento porque as pessoas simplesmente não têm dinheiro, muitos dos produtores estão numa situação completamente absurda, portanto, a relação no trabalho... uns não pagam, outros não recebem, portanto não vale a pena sequer...claro que se os produtores estiverem bem é bom, mas isso já parece tudo que estamos em Marte. É absurdo.

BCB - Qual a sua opinião sobre a anunciada privatização da RTP?

MC - Eu acho que a privatização da RTP por completo não devia acontecer, quer dizer o Estado devia manter uma parte dessa soberania... Eu não conheço nenhum país que não tenha uma televisão do Estado, não é... Nós seríamos os primeiros, e fracamente não me agrada que seja vendida a pessoas que têm 50 empresas no Panamá, e que ninguém sabe quem são, e que depois têm por base países como a Angola, não estou a

falar especificamente contra Angola, mas estamos a falar de um país, onde se as pessoas se calem-se todas seria melhor do que falarem, porque é um país onde não há a mínima liberdade de expressão, tudo que é liberdade de expressão é considerado uma ofensa, política, e por isso gostava que, se fosse privatizada, em parte, gostava que pertencesse a um grupo económico vindo dum país que fossem assim um pouco menos fechados, não tão perigoso a nível das liberdades de expressão, que sempre foi o nosso problema com Angola, desde 1976, desde as relações diplomáticas cortadas desde 1976 durante dois anos, por causa dum artigo no jornal, acho muito estranho que a gente agora privatize para um grupo angolano, mas pronto. Mas pelos vistos não é angolano, é do Panamá. Não, acho que a gente devia manter uma ligação, e pelos visto, hoje ou ontem o Cavaco Silva pronunciou-se sobre isso, e acho que pelo menos não vai haver privatização total, que ele disse que não queria, que não via isso com bons olhos.

BCB - Como é viver da sua atividade?

MC - Eu acho que todos nós temos experiências muito diferentes a nível de... que é muito difícil tu viveres exclusivamente de fazer filmes, que tu queres. Eu vivo exclusivamente de fazer filmes que eu quero, e escolhi isso, mas isso não me permite viver exclusivamente de fazer cinema, quer dizer que eu agora dou aulas também, o que não é muito representativo a nível nem do meu tempo, nem da minha segurança económica, mas dá-me uma base que me permite depois ter bastante liberdade para depois poder escolher fazer aquilo que eu quero, e aquilo que eu não quero. E eu acho que sempre me tenho mantido muito bem, nunca tive aquela tristeza de ter de fazer coisas que não me interessem muito, porque por exemplo eu dando aulas uma vez por semana, e agora também dou ao

mestrado, mas consigo mesmo assim com isso depois ter uma liberdade para depois fazer as coisas que me apetece, e eu tenho estado sempre a trabalhar desde que comecei, e nunca me sinto nunca assim apertada por esses constrangimentos, mas claro agora com os tempos assim, muitas questões se põem, não estou a ver assim em específico, não tenho assim uma solução...

BCB - Não é so fazer por fazer, é porque gosta...

MC - Tenho feito assim coisas, pronto, que são encomendas, dentro assim dessas encomendas escolho as que me parecem mais interessantes. Estou agora a fazer um filme para a Casa da Música, pronto, são coisas com que pelo menos posso ter uma certa liberdade e interessantes, estou agora a acabar, vou fazendo assim coisas pequeninas, que me permitem ganhar um certo dinheiro dentro da mesma área.

Referências bibliográficas

MENDES, João Maria (Coord.) (2011), *Novas e velhas tendências no cinema português contemporâneo*, Universidade do Algarve, Centro de Investigação em Artes e Comunicação (CIAC), Escola Superior de Teatro e Cinema (ESTC). Disponível em: http://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/310/1/margarida_cardoso.pdf. Consultado em dezembro de 2012.